



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM

VANESSA ANDRADE COIMBRA

Literatura e História na obra *Senhorinha Barbosa Lopes*

JARDIM /MS

2019

VANESSA ANDRADE COIMBRA

Literatura e História na obra *Senhorinha Barbosa Lopes*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim/ MS, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras/Inglês.

Orientador: Professor Dr. Gilson Vedoin

JARDIM MS

2019

Coimbra, Vanessa Andrade.

Literatura e História em *Senhorinha Barbosa Lopes* /Vanessa Andrade
Coimbra. Jardim: UEMS, 2019.

35 páginas.

Monografia (Graduação) – Letras Habilitação Português/Inglês –
Universidade Estadual de Mato grosso do Sul, 2019.

Orientador: Professor Dr. Gilson Vedoin

1. Romance Histórico 2. Literatura 3. Metaficção Historiográfica. 4.
Personagens fictícias.

I. Literatura e História em *Senhorinha Barbosa Lopes*.

VANESSA ANDRADE COIMBRA

Literatura e História em *Senhorinha Barbosa Lopes*

Aprovada em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Presidente
Prof. Dr. Gilson Vedoin – Orientador

Prof^a. Dr^a. Joyce Alves – Membro

Prof^a. Dr^a. Adélia Maria Evangelista Azevedo – Membro

*As pessoas querem ver, cheirar, tocar, furar a
bolha de sua solidão. Mas o que é realidade?
Porque existe o real do que não se vê e até do
que ainda não existe.*

Augusto Roa Bastos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, pela força nos momentos que pensei em desistir, por muitas vezes que chorei desesperadamente com medo de não conseguir concluir essa monografia.

Aos meus pais, pelo incentivo, e por me fazerem acreditar que era capaz de vencer mais essa etapa.

Ao meu bem mais precioso, meu filho Guilherme, foi nele que tirei forças, para que eu possa ter e dar um futuro melhor a ele, te amo, meu amor!

Ah! não poderia deixar de agradecer a duas pessoas muito especiais que fizeram parte desta minha caminhada, a minha colega Jaqueline, por todas as caronas que me destes em sua moto, a “neguinha” e pelas várias vezes quando eu estava de baixo astral e você ficou sempre ao meu lado me dando apoio com suas palavras positivas. E também a minha colega Nelise, que me deu muito apoio quando em um momento de desânimo pensei em desistir do curso, e você com toda paciência do mundo me botou para cima e me incentivou a continuar, obrigada!

RESUMO

O presente trabalho monográfico propõe uma análise do livro *Senhorinha Barbosa Lopes*, de Samuel Xavier Medeiros, buscando explorar o diálogo entre literatura e história. O livro trata de um dos episódios da Guerra do Paraguai: A retirada da Laguna, já narrado pelo Visconde de Taunay. Em *Senhorinha Barbosa Lopes*, o autor procura equilibrar-se entre o fato e a ficção, instigando o leitor a buscar as verdadeiras fontes, mas também as outras versões sobre uma das passagens históricas mais representativas do Brasil. E ainda, o uso de estratégias tipicamente literárias confere a esse romance o sabor da novidade, mesmo tratando-se de um tema já muito explorado na ficção literária. O que diferencia esse livro dos demais sobre o mesmo tema é o ponto de vista: o de uma mulher. É por essa perspectiva que a história de Senhorinha e dos demais personagens vai ganhando conformidade. Vale lembrar ainda que, na obra, a vida de Senhorinha vai se confundindo com a prosperidade do espaço vivido e conforme vai sendo contada acompanha o desenvolvimento da região. Assim, reconhecer a obra como um engendrado texto de ficção, é também percorrer os caminhos da história do antigo Mato Grosso do Sul em tempos de conquista de territórios. Mas, ao invés de nos pautarmos somente pela História, temos a presença rica e descortinadora dos mistérios da literatura e do romance histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Histórico, Literatura, Metaficção Historiográfica, Personagem fictícia.

ABSTRACT

This monographic work proposes an analysis of the book *Senhorinha Barbosa Lopes* by Samuel Xavier Medeiros, seeking to explore the dialogue between literature and history. The book deals with one of the most interesting episodes of the Paraguayan War: The retreat of Laguna, already narrated by the Viscount of Taunay. In *Senhorinha*, the author seeks to balance between fact and fiction by instigating the reader to seek the true sources, but also the other versions on one of the most representative historical passages of Brazil. Moreover, the use of typically literary strategies confers on this novel the flavor of novelty even in the case of a theme that has been thought by literary studies. What differentiates this book from others on the same theme is the point of view: that of a woman. It is from this perspective that the story of *Senhorinha* and the other characters is gaining conformity. It is also worth remembering that, in the work, the life of *Senhorinha* is being confused with the prosperity of the lived space and as it is being told it accompanies the development of the region. Thus, to recognize the work as an engendered text of fiction, it is also to traverse the paths of the history of ancient Mato Grosso do Sul in times of conquest of territories. But instead of being guided only by History, we have the rich and unprepared presence of the mysteries of literature and the historical novel.

KEYWORDS: Historical Romance, Literature, Historiographic Metafiction, Fictional character.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1.1 Romance histórico e Literatura: princípios e desenvolvimentos.....	12
1.2 A história e a literatura: intersecções.....	14
1.3 A metaficção historiográfica: teoria e crítica.....	18
CAPÍTULO II	
2.1 <i>Senhorinha Barbosa Lopes</i> : ficção e história e o papel da mulher na guerra.....	21
2.2 A narradora/personagem fictícia.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por objetivo a realização de uma análise do livro *Senhorinha Barbosa Lopes* (2007), do escritor belavistense Samuel Xavier Medeiros, buscando explorar a presença do romance histórico. Procuremos apontar algumas características e definição dessa obra que a vinculam a tal tripologia.

Samuel Xavier Medeiros é um escritor que, com uma obra bastante consolidada, conquistou seu lugar nas letras brasileiras de Mato grosso do Sul. É autor das obras *Memórias de Jardim* (2002), *Senhorinha Barbosa Lopes – Uma História da Resistência Feminina na Guerra do Paraguai* (2007/2012), *Contos a Gota* (2012) e *Contos quase Causos* (2014). Atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul (UBE-MS).

A densidade de suas obras não o deixa cair no esquecimento. Ela possui alguns ingredientes que vão se consolidando, unindo a história com a ficção, esfumando passados. Samuel revela parte do passado e da identidade do povo sul-mato-grossense, cujas terras foram conquistadas com esforço ocasionado pelos embates e vitórias que se deram a Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim parte dos relatos de fatos e ações de personagens históricos significativos relacionados a cidades e cultura sul-mato-grossense, retomados em algumas obras literárias. Segundo Medeiros, “[...] a literatura torna real o que a história esqueceu, e como a história foi o que foi a literatura oferecerá o que a história nem sempre foi” (MEDEIROS, 2007, p. 9).

Para este trabalho nos apoiaremos nas ferramentas que a literatura nos oferece no que tange aos diálogos interdisciplinares, ou seja, do romance histórico com a História. Desta forma, procuraremos apresentar aqui essa relação já estabelecida, todavia com o pressuposto que a história é a representação do passado, dinamizando e atualizando as mais variadas formas de conhecimentos literários num caminho que o leitor irá percorrer. Assim se fez necessário uma breve leitura da obra original de Samuel Xavier Medeiros, como forma de melhor compreender essa relação entre o romance histórico e a história. O discurso histórico se enlaça com o literário de tal forma que se torna quase impossível dissociá-los, havendo esse equilíbrio entre fatos e ficção.

Durante o percurso nos pautaremos em alguns nomes já consagrados pela tradição da crítica literária, tais como Marilene Weinhardt, com *Ficção, História e Regionalismo* (1994), Antonio Esteves, “O Romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras” (2007), Gyorgy Lukács, *O romance histórico* (2011), Fredric Jameson, “O Romance Histórico

ainda é possível?” (2007), Rogério Miguel Puga, *O essencial sobre o Romance histórico* (2006) e Linda Hutcheon, *Poéticas do pós-modernismo* (1991). Vale lembrar ainda que, na obra, a vida de Senhorinha vai se confundindo com a prosperidade do espaço vivido e conforme vai sendo contada acompanha o desenvolvimento da região. Assim, reconhecer a obra como um engendrado texto de ficção, é também percorrer os caminhos da história do antigo Mato Grosso do Sul em tempos de conquista de territórios. Mas, ao invés de nos pautarmos somente pela história, temos a presença rica e descortinadora dos mistérios da literatura.

Assim, reconhecer a referida obra como um bem artístico-cultural é também percorrer os caminhos da história do antigo Mato Grosso do Sul em tempos de conquista de territórios, com a intenção de destacar através de fatos as expressões literárias, tanto sociais quanto históricas, representando assim, as experiências humanas, hábitos, atitudes, sonhos, esperanças, sentimentos, práticas etc., na qual a literatura faz esses registros e através desses registros aponta as historicidades vividas naquela época.

No capítulo I, iremos encontrar todo caminho percorrido pela narrativa histórica e pela literatura, toda engenhosidade que os autores utilizam para que suas obras sejam consideradas romances históricos. Todos os desenvolvimentos e seus princípios, através de autores consagrados, trarão algumas discussões e o pensamento de cada autor a respeito do romance histórico e da literatura. Também será discutida a relação da história com a literatura, quais os limites dessas duas narrativas e até onde as investigações se tornam restritas; assim como compreender a construção e as características que cada uma carrega. E para finalizar o primeiro capítulo entraremos na metaficção historiográfica, destacando quais os desafios o leitor encontra numa obra em que a metaficção historiográfica está inserida e como deve ser compreendido seu papel, tanto no encontro de vestígios como no processo de sentido da obra.

No capítulo II, iniciaremos a análise da obra de Samuel Xavier Medeiros, *Senhorinha Barbosa Lopes*, dando ênfase a ficção e a história, numa tentativa de desvendar até que ponto as memórias da ficção precisam do auxílio da história e até que ponto o leitor consegue identificar essa mescla de discursos nas obras. Encontraremos também a questão da personagem narradora, como o autor consegue fazer com que personagens de pouco prestígio se tornem destaques na obra. Percebemos isso em *Senhorinha Barbosa Lopes* a partir das características e acontecimentos do cotidiano relatado através de uma personagem fictícia, acarretando assim, certa confusão ao leitor em relação a quem está narrando a história; esses

ingredientes fazem com que a obra de Samuel Xavier Medeiros se inscreva na categoria de romance histórico.

CAPÍTULO I

1.1 Romance histórico e Literatura: princípios e desenvolvimentos

Surgido no início do século XIX, após a queda de Napoleão, o romance histórico foi considerado pelo escritor Walter Scott um estilo em que a narrativa ficcional se enlaça com fatos históricos. Suas personagens e seus cenários são de total concordância com os documentos e dados históricos, levando assim o leitor a uma viagem de época, havendo uma autenticidade nos fatos.

Para o filósofo húngaro Gyorgy Lukács, em umas de suas obras escritas entre 1936-1937, *O romance histórico*, considerado um dos trabalhos mais significativos de seus anos de seu exílio na União Soviética, no romance histórico há uma função entre a teoria dos gêneros literário, sendo mesclado com abordagens materialistas da história da literatura moderna. Lukács define que o romance histórico não está mais em função somente do romance, mas na grandeza do personagem, abordando esse estilo romanesco em suas personagens.

Para o professor Pedro Brum Santos:

Na visão de Lukács, boa parcela da produção romanesca privilegia a narrativa dos tumultos sociais dos tempos modernos, caracterizando se como uma produção social, e em última análise histórica. Nessa modalidade, é possível dizer que os problemas formais nada mais são do que reflexos desses tumultos. Por outro lado, o romance é o grande responsável pelo desenvolvimento de uma perspectiva realista na literatura, destacada pela presença de personagens que resumem os grandes problemas de uma época e sugerem as forças que regem a evolução social (SANTOS, 1996, p. 35).

A produção das narrativas romanescas, em sua grande parte, são caracterizadas por uma produção social e histórica, ou seja, o romance é responsável por descrever situações realistas na literatura, destacando personagens com problemas sociais numa determinada época.

A definição de Fredric Jameson, afinada com Lukács, nos permite entender que: “[...] O romance histórico não deve mostrar nem existências individuais nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos” (JAMESON, 2006, p. 192).

Como se percebe pelo trecho acima, o romance histórico não se foca somente em um determinado momento, mas sim em todos os aspectos, tanto da maneira como ele foi organizado historicamente, quanto na categoria de narrativas individuais. Há uma

engenhosidade na qual é inserida nessa produção que se torna singular em um modo novo.

Também podemos dizer que no romance histórico umas das características mais importantes, segundo Lukács (2011), é a consideração do tempo cronológico dos acontecimentos a partir do momento que acontece a narração, o que faz com que esse tipo de gênero possa ter uma maior proximidade com a narrativa histórica.

Segundo Marilene Weinhardt, o romance histórico “[...] deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem de forma como fizera” (WEINHARDT, 1994, p. 51).

Notamos nessa afirmação de Weinhardt como há uma norma na configuração literária, expondo uma ideia fundamentada na verdade, fazendo com que o leitor tenha foco nos detalhes do cotidiano que talvez não seja de tanta importância na obra.

Weinhardt também destaca a questão que Lukács acentua de que “o romance histórico não é um gênero destinado ao romance, mas sim de uma configuração do ser humano no passado, podendo haver figuras em diversos momentos históricos, havendo um jogo de intrigas decorrente das ações dos personagens” (1994, p. 51). Outra peculiaridade do romance histórico é a relação que há entre o passado histórico e o tempo presente; há uma crítica de Lukács em relação a escritores que deixam de lado o presente com estratégias de obter algo de modo ardil, deixando a obra empobrecida.

Para Antonio Esteves (2007, p. 114), escritor brasileiro, houve um “grande aumento nas publicações de romances de personagens históricas tornando-se o centro das ações. Segundo Esteves, não obtendo uma genealogia dos mais variados tipos de romances, deve-se levar em conta a importância da releitura desses romances, não tendo uma certa distinção entre eles, afirmando assim de que os grandes eventos do romance histórico não estão focados em repetir os grandes acontecimentos, mas em ressucitar poeticamente as experiências vividas da época.

De certa forma, esta constatação ilustra a afirmação do escritor alemão Alfred Döblin ao falar sobre o romance histórico. Segundo Döblin, até o “mais simples e inventado romance [...] necessita de fundo de realidade para que o aceitemos” (2006, p. 16). Para que se configure como um romance histórico, num primeiro momento, é necessária a presença de eventos históricos, ficando constatada que há uma etapa de desenvolvimento na narrativa de fenômenos ocorridos em uma época onde não existiam jornais, revistas e, através da comunicação oral eram apresentados em versos.

Outro ponto relevante a ser destacado quanto à formação do romance histórico diz respeito ao jogo entre acontecimentos de fatos e a criação ficcional, como se pode ver na afirmação de Lukács:

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Lukács deixa um pouco complexa a temática sobre esse gênero, sendo favorável afirmar que ainda é importante essa busca por meios ficcionais e a importância que é dada a essas personagens coadjuvantes a serem destaques na obra. Observa-se então que a particularidade do tempo histórico das personagens deveria direcioná-los para ações particulares e ações coletivas.

Lukács, porém, não estabeleceu qual o tempo do distanciamento que exista entre o autor e a história narrada para que possa ser considerado algo histórico, logo, após as publicações de Walter Scott pode ser entendido que o romance histórico possui uma narrativa distante, acerca de um tempo bem antes do próprio autor. Assim, o mais importante para que um romance se torne histórico são os fatos históricos em si, as transformações que ele gera numa determinada época.

Como afirma Puga, “[...] todo romance histórico é uma construção inventiva do autor baseando-se em alguns acontecimentos, dando ênfase ao tempo histórico que em sua categoria deverá ser predominante” (PUGA, 2005, p. 81). Assim compreendemos que o passado histórico apenas é acessível através de fontes e documentos, daí o fato de a temática da investigação em arquivos ser recorrente, não deixando os narradores de salientar a natureza predominantemente ficcional do texto.

1.2 A história e a literatura: intersecções

Nas últimas décadas têm se discutido acerca dos limites da literatura e da história, e até onde se estenderia essa relação. A literatura, sendo uma forma de ler, interpretar, representar o tempo, dialoga com o mundo real propondo algo novo, vindo assim o leitor refletir sobre o que virá a ser proposto e o que já se possui; há uma reconstrução do passado, com anotações reais, experiências sociais e fontes históricas.

Na opinião de Pedro Brum Santos, o “[...] romance, pelo fato de ser uma manifestação

em prosa, de possuir um cunho narrativo e de consistir num discurso que incide sobre uma realidade vivida, recuperando aspectos da vida corrente, passa a dividir com a historiografia a função de organizar os fatos em uma ordem discursiva” (SANTOS, 1996, p. 16).

Apesar do romance ser um tipo de manifestação de caráter narrativo que recai sobre uma determinada realidade, passa a compartilhar fatos com a historiografia para serem organizados; há toda uma construção de enredo, de caracterização dos personagens que fazem com que o romance tenha um papel importante nesse cenário.

Para a escritora gaúcha Marilene Weinhardt, a partir do momento em que se “depara com esses novos tipos de abordagem literária, surge esse questionamento em relação à construção e essa elaboração de fatos históricos” (1994, p. 49). Weinhardt destaca Bakhtin, que aponta a diversidade como forma de expor um determinado romance e a maneira como irá ser introduzido.

A literatura deve buscar compreender a particularidade e o modo de cada leitor, a forma como o texto é imposto e representado. Partindo para o lado do historiador, quando se envolve com esse tipo de documento, deve haver certa apreensão por parte dele, pelo fato de tais documentos terem certas restrições em sua construção literária, para que o mesmo não perca sua essência. Quando o documento está em uma fase de construção, sendo ele real ou literário, ele vai se fundindo com a historicidade tanto na escrita como na linguagem, há certo laço que liga a cultura, o tempo, que fazem parte dessa evolução histórica.

Há toda uma investigação do ambiente em relação às descobertas da região a ser explorada, segundo Weinhardt (2004), dependendo do fundo histórico-econômico da região, os modos e os hábitos determinam o modo de vida de determinada população, possuindo fronteira com diversas linhas de pesquisas onde chega essa literatura.

Como pontua Weinhardt, “[...] primeiramente é preciso inquirir por que determinada época ou tal feito histórico torna-se emergente, por que foi incorporado a um projeto literário” (2004, p. 23). Nesse caso, a autora destaca o fato de que se deve tomar informações sobre os fatos históricos e por que surgiram. Partindo dessa afirmação de Weinhardt, surgem novos questionamentos em relação ao passado na busca de uma identidade.

É algo indispensável quando se trata de características das formas de ficção, dessa particularidade que o texto literário e o autor estabelecem com a realidade e a definem. Cabe à historiografia realizar uma investigação histórica, reconhecer as fronteiras, as épocas e os lugares, entre o que é literatura e o que não é, desvendar os repertórios dessas obras históricas e os traços deixados por elas.

O crítico Luiz Costa Lima (2006) abre uma discussão ao redor dos gêneros em seu livro *História. Ficção. Literatura*. Nessa obra Costa Lima afirma:

A verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado. A ficção suspende a indagação à verdade, se isenta de mentir. Mas não suspende sua indagação da verdade [...] A ficção procura a verdade de modo oblíquo, sem respeitar o que para o historiador se distingue como claro ou escuro (LIMA, 2006, p. 156).

Segundo Costa Lima, há uma particularidade em cada modo de convívio e de relações comunicativas na qual as diferenças discursivas não prejudicam o contato com outros discursos, mantendo cada um com sua particularidade, podendo haver até mesmo uma aproximação entre eles, e mesmo havendo uma mistura, permanecerão diferentes, pois a história e a ficção se distinguiriam como diferentes narrativas. O teórico defende a hipótese de que a história seja permeada pela historicidade, havendo certo elo entre o tempo historiográfico e o lugar que ocupa quem a escreve.

Costa Lima também destaca que “[...] a aporia da história há de considerar que seu conteúdo, a verdade, é sempre incerto. A sempre incerta verdade é a meta do historiador. Incerta, ela tem uma face devassável, a leitura que se faça do que houve; e uma face indevassável a escura verdade que não se esgota na nomeação de fatos [...]” (LIMA, 2006, p. 104).

Conclui-se a partir desse trecho que Lima salienta a ideia de que a história é uma transcrição, de certa forma entrelaçada, pois quando o historiador reconstitui o passado traz consigo as marcas do tempo e do lugar social, fortalecendo assim os impasses da verdade, expressados pela história, sobrando para a literatura o papel de apropriar-se do que é real e o que não é real. A literatura busca sua fonte historiográfica, ou seja, investiga como foi construída ou representada com a realidade, e a partir do momento que consideramos uma obra literária como evidência histórica, devemos levar em conta que esta obra apresenta traços específicos, no entanto, sempre mantendo um vínculo com a história.

Cada historiador possui diferentes maneiras de realizar suas investigações, como afirma Döblin: “[...] os historiadores têm à sua disposição, em regra, fontes iguais, mas eles as interpretam de maneira diferente” (DÖBLIN, 2006, p. 26). Seguindo esse pensamento, podemos entender que cada historiador possui a sua maneira de interpretar, podendo até haver uma concordância entre eles, mas os relatos serão de forma diferente desde o início da produção da obra e dos vestígios encontrados até a finalização dos documentos. A história e a

literatura possuem relações constantes no romance, de certa maneira a história está presente na ficção romanesca.

Segundo a teórica Linda Hutcheon: “Ambas são discursos, construções humanas, sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado a partir desta “ficção” a que chamamos presente (HUTCHEON, 1991, p. 122). Podemos compreender que os textos literários são fatos históricos, pois quem os escreveu estava posicionado historicamente pelo momento, na qual ao mesmo tempo são representações da história, por isso torna-se algo impossível se formos pensar e considerar os textos literários sem os contextos históricos, essa relação deverá ser separada na medida em que a literatura se firmar historicamente em sua própria historicidade.

E ainda acrescenta:

Não se fez com que a história ficasse obsoleta: no entanto, ela está sendo repensada – como uma criação humana. E, ao afirmar que a história não existe a não ser como texto, o pós-modernismo não nega, estúpida e “euforicamente”, que o passado existiu, mas apenas afirma que agora, para nós, seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade (HUTCHEON, 1991, p. 34).

Entretanto, observa-se que Hutcheon afirma que no pós-modernismo a história passa a ser encarada enquanto discurso. Assim nessa fase da escrita pós-moderna podemos entender que a ficção e a história são discursos, impregnados de formações de ideias em situações históricas. Nessa vertente são admitidas como um discurso polissêmico, ou seja, há uma travessia por outros discursos, havendo assim uma renovação no discurso histórico.

A história passa a ser revestida de uma função de criação, no momento da escolha dos materiais, construindo um enredo e desvendando mistérios, o historiador ainda terá tal compromisso com os vestígios. A ficcionalidade estará presente dentro deste discurso histórico, não perdendo a essência dos fatos verídicos, impondo assim limites ao objeto imaginário. Segundo Pesavento (2006), “[...] o historiador está preso tanto à condição do real acontecido como às fontes e documentos referentes a esse real”, ou seja, o historiador não está livre para criar em sentido absoluto, mas sim para atribuir significados, no intuito de aproximar-se ao máximo do acontecido valendo-se, para isso, do uso de métodos (testagem, comparação, cruzamentos).

Para Costa Lima, o território da literatura parece ser constituído pelas “formas híbridas”, textos que misturam documentos e literatura, caracterizadas como “[...] aquelas que, tendo uma primeira inscrição reconhecida, admitem, por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária. Para tanto, será preciso que se reconheça a permanência da

eficácia das marcas da primeira, ao lado da presença suplementar da segunda” (LIMA, 2006, p. 352).

Enfim, para Lima o que diferencia um discurso de outro não é somente a matéria a ser tratada, mas a maneira como se constrói a forma discursiva; há um espaço entre o verdadeiro e o falso através da linguagem quando se torna discurso.

1.3 A metaficção historiográfica: teoria e crítica

Assumidamente, Linda Hutcheon afirma que a metaficção historiográfica permite ao mesmo tempo aproximar e questionar a ficção e a história, sendo ela uma forma de análise literária, permitindo-se novas formas inovadoras em suas representações, entendendo-se que o papel do leitor não é apenas encontrar vestígios textuais da história, mas também atuar no processo de criação do sentido do texto. Segundo Hutcheon: “A metaficção historiográfica por exemplo mantêm a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 142).

A metaficção historiográfica pode ser entendida como uma tentativa de superar a literatura tradicional, tendo como principal objetivo subverter os elementos narrativos, elaborando assim estratégias na qual desafia o leitor e sua maneira de compreender sobre a história e a ficção. Ela cria espaços para objeções da história como narrativa para o leitor perceber a engenhosidade da escrita e sua estrutura.

Tanto a ficção quanto a história impõem sujeitos, construindo os personagens tanto para transformá-los quanto a rebaixá-los a níveis de pessoas comuns. Desta forma, o discurso literário e o histórico aparecem muito próximos, cada um com suas devidas particularidades, o diálogo torna-se bastante acirrado pelo fato de que tanto o historiador quanto o leitor possuem um entendimento limitado de assimilar o passado, deparam-se com retalhos do passado, alguns arquivos, restos de recortes que se tornam uma ponte de possibilidades para (re)construir a história.

A narrativa ficcional estabelecida por Lukács, acaba tornando algo questionável, porque na pós-modernidade é o “[...] conhecimento do presente que é capaz de representar e analisar o passado” (HUTCHEON, 1991, p. 142), observa Hutcheon, que em seguida afirma que acaba havendo um “questionamento em relação à disciplina de História” (HUTCHEON, 1991, p. 142).

Hutcheon cita partindo da ideia de contextos históricos e das características do pós-modernismo:

Portanto, o pós-moderno realiza dois movimentos simultâneos. Ele reinsere os contextos históricos como sendo significantes, e até determinantes, mas ao fazê-lo problematiza toda a noção de conhecimento histórico. Esse é mais um dos paradoxos que caracterizam todos os atuais discursos pós-modernos (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Nesse período do pós-modernismo percebe-se que não existe uma única verdade em uma narrativa ficcional, mas sim várias verdades, cheias de questionamentos de seus valores atemporais. A descrição ou narração de qualquer participação da mulher, tanto na guerra quanto no pós-guerra, ajuda a demarcar mais fortemente as diferenças étnicas, sociais, culturais, de gêneros e de classes que podem, até os dias de hoje, serem ainda percebidas.

Hutcheon ainda destaca:

É essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas têm em comum do que em suas diferenças. [...] as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa (HUTCHEON, 1991, p. 191).

Diante deste argumento de Hutcheon (1991) podemos compreender as teorias de oposição entre a história e a ficção, pois tal entendimento se dá pela construção da história e de registros sociais do homem, levando em consideração não somente como objeto estético, mas também como objeto de pesquisa. Hutcheon (1991) discute a questão da metaficção historiográfica ampliando essa visão de traços característicos, havendo uma certa apropriação das personagens ou de acontecimentos históricos.

A metaficção historiográfica institui os limites entre literatura e história, mas em seguida os desafia: “[...] ela estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriidade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radicais” (HUTCHEON, 1991, p. 155).

No capítulo intitulado “Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado”, Linda Hutcheon diferenciou a metaficção historiográfica do romance histórico. Nesse trecho, ela afirmou que além da fábula, da estória heroica e do romance histórico, categorias ficcionais propostas por Umberto Eco, há uma quarta maneira de narrar o passado: a metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991, p. 150). Segundo Hutcheon, o autor de uma

metaficção, ao intercalar em seu texto ficcional as “convenções paratextuais da historiografia”, chama a atenção do leitor justamente para o fato de que tanto historiadores quanto romancistas, ao produzirem um texto, criam sentidos para o passado. Disse ela:

A metaficção historiográfica chama a atenção para esse fato com a utilização das convenções paratextuais da historiografia (especialmente as notas de rodapé) para inserir e também debilitar a autoridade e a objetividade das fontes e das explicações históricas. [...] a ficção pós-moderna não aspira a contar a verdade tanto quanto aspira a perguntar de quem é a verdade que se conta. Menos do que associar essa verdade a pretensões de legitimização empírica, ela contesta o fundamento de qualquer pretensão de possuir essa legitimização. Como pode o historiador (ou o romancista) verificar qualquer relato histórico por comparação com a realidade empírica do passado, a fim de testar a validade desse relato? Os fatos não são preexistentes, e sim construídos pelos tipos de perguntas que fazemos aos acontecimentos (HUTCHEON, 1991, p. 162).

Segundo os estudos de Hutcheon (1991), principalmente em seu livro *Poética do pós-modernismo*, a metaficção historiográfica é como se fosse uma estratégia de narrativa que mescla no mesmo texto uma forma de avaliar as próprias ideias da narrativa junto a uma revisão crítica dos fatos históricos, sendo assim,

[...] não reflete a realidade, nem a reproduz. [...] ele [o romance meta historiográfico] recontextualiza tanto os processos de produção e recepção como o próprio texto dentro de uma situação de comunicação que inclui os contextos social, ideológico, histórico e estético nos quais esses processos e esse produto existem. [...] A especificidade do contexto faz parte da ‘localização’ do pós-modernismo. [...] A contextualização discursiva do pós-modernismo, mais complexa e mais aberta, ultrapassa essa autorrepresentação e sua intensão desmistificadora, pois é fundamentalmente crítica em sua relação irônica com o passado e o presente. Isso se aplica à ficção e à arquitetura pós-moderna, assim como a grande parte do discurso teórico histórico, filosófica e literária contemporânea (HUTCHEON, 1991, p. 64-65.)

E ainda aponta uma reelaboração do tempo passado-presente,

[...] numa relação direta contra a tendência de nossa época no sentido de valorizar apenas o novo e a novidade, nos faz voltar a um passado repensado, para verificar o que tem de valor nessa experiência passada, se é que ali existe mesmo algo de valor. Mas a crítica de sua ironia é uma faca de dois gumes: o passado e o presente julgados a luz do outro (HUTCHEON, 1991, p. 63).

Porém, a própria linguagem da metaficção historiográfica tende a brincar, sobretudo com as possibilidades de forma e significado da narrativa, tendo um alto grau de consciência em relação à produção artística e ao papel exercido pelo leitor, empenhando-se em se situar na história e no discurso expressando as nuances da natureza ficcional e histórica do texto literário.

CAPÍTULO II

2.1 *Senhorinha Barbosa Lopes: ficção e história e o papel da mulher na guerra*

A narrativa de Samuel Xavier Medeiros mescla ficção e fato ao criar uma narradora (a freira Maria Tomé), que reconstitui a história de Raphaela Maria da Conceição Barbosa de Lopes, conhecida como Senhorinha. Nascida em Sabará, no estado de Minas Gerais, em 26 de novembro de 1815, Senhorinha está diretamente ligada, como se verá a seguir, à ocupação do sul do Mato Grosso e à resistência feminina durante a Guerra do Paraguai. Como se deduz da afirmação acima, o pai de Senhorinha, Antonio Gonçalves Barbosa, e o pai de José Lopes, Antonio Francisco Lopes, partiram juntos para o sudoeste mato-grossense, com familiares, animais e bens materiais. Além disso, combinaram o casamento entre Gabriel Lopes, irmão de José, e Senhorinha, com consentimento desta. O casamento ocorreu em 1836, tendo o casal partido para Santana do Paranaíba logo em seguida. Tiveram três filhos em três anos consecutivos.

A fazenda *Jardim* foi uma das posses da família. Localizada na proximidade do rio Miranda, foi adquirida por Antonio Gonçalves Barbosa, pai de Senhorinha, em 1847, quando veio juntamente com seus filhos e genros para povoá-la. Mas coube ao filho de Antônio Francisco, José Francisco Lopes, demarcar seus limites e construir edificações básicas para moradia na fazenda, cujo “[...] nome Jardim deriva de um pequeno riacho que desaguava no rio Miranda. Mais tarde, essa fazenda foi tida como um dos pontos determinantes das extremas de fronteira das possessões brasileiras no baixo-Paraguai” (MEDEIROS, 2007, p. 35).

As famílias buscavam boas terras no sul do Mato Grosso por anos, e se estabeleceram em 1846 em uma fazenda que denominaram *Monjolinho*, onde plantavam banana, mandioca, legumes, milho e feijão. Os negócios prosperaram até que, em outubro de 1849, Gabriel é morto numa briga com dois escravos: “Gabriel sacou do revólver para atirar, mas o escravo foi mais astuto, jogou se contra ele e dominou-o, e o outro meteu o punhal direto no coração” (MEDEIROS, 2007, p. 35).

Senhorinha fica viúva aos 34 anos. Nessa ocasião, já se iniciara os problemas na fronteira com o Paraguai que desembocariam, nas décadas seguintes, na guerra que duraria anos. A guerra cruel e perseguições aos brasileiros começara ainda no governo de Carlos Antonio Lopez, pai de Solano. “Foi assim que uma patrulha guarani aprisionou Senhorinha e

seus filhos. Levaram-na de volta à *Monjolinho* e daí para o interior do Paraguai como prisioneira” (MEDEIROS, 2007, p. 57-59).

O relato do drama vivido pelos soldados brasileiros durante a retirada das tropas da região de guerrilha e registrada por Visconde de Taunay em *A Retirada da Laguna* é semelhante à descrição dada por Valmir Batista Corrêa. No prefácio do livro de Medeiros, Corrêa menciona esse drama que:

atingiu o Brasil no século XIX quando se envolveu num conflito de dimensões continentais, historicamente o maior dos conflitos das Américas, que se convencionou chamar de Tríplice Aliança (Brasil, Argentina, Uruguai) e o Paraguai. Aliás, um entendimento produzido pelo ângulo dos vencedores. Mas, se visto sob outro ângulo, com certeza, outras explicações deverão ser dadas. Na verdade, foi uma luta fratricida pelo controle estratégico de uma faixa de território fronteiriço com perdedores de ambos os lados sob o ponto de vista humano, em última análise. A guerra com o Paraguai seguiu sendo inventada e reinventada com o passar do tempo, mediante olhares e interesses diferentes [...] (CORRÊA *apud* MEDEIROS, 2007, p. 7).

Tendo a Guerra do Paraguai como o contexto de vida e experiência da personagem principal, a Senhorinha Barbosa Lopes, que também dá nome ao livro, o escritor Samuel Xavier Medeiros, por meio do relato de uma narradora fictícia (a freira Maria Tomé), relembra e reinventa, ao mesmo tempo, a saga do casal Senhorinha Barbosa Lopes e José Francisco Lopes, mais conhecido como “Guia Lopes da Laguna”. Ele, personagem histórico fundamental para a sobrevivência de parte da tropa brasileira durante o episódio da retirada; ela, oriunda de uma das famílias mineiras que imigraram para a região do sul do Mato Grosso durante o século XIX.

Os relatos de *A Retirada da Laguna* de Taunay e alguns personagens históricos ali presentes, dentre os quais o próprio Taunay, são resignificados por Medeiros, estratégia que possibilita agregar o que é considerado “história oficial” da Guerra à ficção e as personagens históricas aos ficcionais, permitindo “fundir” o que é tido como “real” àquilo que é imaginação. Dessa forma, apropriando-se de grande parte dos relatos de Taunay registrados em *A Retirada da Laguna*, Medeiros cria um espaço narrativo totalmente distinto, constituído pelo viés da memória que recupera a história para dar origem, a partir disso, à ficção.

Na narrativa, faz com que personagens históricas e ficcionais convivam e repartam conflitos e experiências produzidas dentro do contexto da Guerra do Paraguai, demonstrando, na literatura, o quanto a ficção, com o auxílio da memória e da história, permite reescrever o passado e modificá-lo. Nesse viés, ao entrecruzar os gêneros e romper limites, acaba por recuperar o debate contemporâneo sobre as fronteiras entre a literatura e a história, ao mesmo

tempo em que instiga o leitor a identificar a tessitura traçada pelas narrativas e percorrer as linhas que podem separar, mas também unir as diferentes categorias dos discursos.

A riqueza do tema, abordado tanto em livros de História quanto em narrativas literárias, é suficiente para Samuel Xavier Medeiros elaborar um relato denso e profundo, misto de romance histórico e livro de memórias a destacar o bravo exemplo de luta do casal Lopes, resistência heroica que, como vimos, pode ser comprovada “historicamente” e que, no entanto, adquire ares de invenção devido ao caráter fantástico e aventureiro da façanha narrada.

A freira, personagem que narra a história, não dá muitos detalhes sobre a estadia de Senhorinha no Paraguai, onde ela permaneceu num período de aproximadamente um ano, numa prisão nas imediações de Assunção. Ela e outros prisioneiros foram resgatados depois de demoradas trocas de notas diplomáticas. Alojados em barracões de taipa cobertos com bacuri, em heroicas lutas pela alimentação e a busca por meios de higiene para não serem contaminadas com doenças típicas daquela época: “Ela e outros prisioneiros foram resgatados depois de demoradas trocas de notas diplomáticas e a intervenção do encarregado de negócios brasileiro” (MEDEIROS, 2007, p. 65).

Após a liberdade, chegam finalmente ao Apa e, por não ser época das cheias, tiveram a sorte de atravessá-lo a pé. A caravana se desfez e grande parte do pessoal ficou por ali mesmo, nas fazendas vizinhas, outros tomaram rumo a Oeste, para a região de Miranda e Corumbá, já com o apoio das forças armadas do Império ali sediadas. Senhorinha e a família já não poderiam mais voltar à *Monjolinho*, que àquela altura já tinha novos e desconhecidos moradores, e estava ainda excessivamente exposta aos paraguaios.

Senhorinha nutria pela fazenda *Jardim* um enorme carinho pelos longos anos que ali esteve, e porque acompanhou o desenvolvimento de tudo: do pomar que plantou, da casa que construiu e do gado que criou. Ali, ela e José, o marido com quem conviveu por mais tempo, viram tornar-se realidade diversos planos, inclusive a família que constituíram.

Samuel Xavier Medeiros após pesquisar os relatos da história de Senhorinha, constatou que a participação feminina durante a guerra aconteceu com uma das mais requintadas formas de violência ao sexo cada vez mais fragilizado naqueles tempos. Depois que Senhorinha foi mencionada no livro de Taunay, ele não teve dúvidas de que dona Senhorinha Maria da Conceição Barbosa deveria integrar a vasta galeria dos personagens da história nacional brasileira, por isso mereceu ser conhecida com detalhes. Ela se destaca na história não só pelo fato de estar sendo citada no livro de Taunay, mas como participante da

expansão territorial ao sul do Mato Grosso, numa época de conflito de posse de terras e controvertidas demarcações de fronteiras nesta parte do país.

A trama criada por Medeiros mostra que é durante a leitura do livro de Taunay que a freira teria encontrado o nome daquela que se tornaria sua amiga, a Senhorinha Barbosa Lopes, sobre quem o militar tecera elogios e fornecera notícias sobre suas prisões. O “mote” deixado por Taunay estimula a freira a prosseguir redigindo as memórias de Senhorinha, supostamente a partir de entrevistas concedidas pela própria personagem histórica:

O fato de conhecer Senhorinha antes de ler o livro foi, no mínimo, uma experiência inusitada, sendo esta a primeira vez, para mim, acostumada a leitura, que estava frente a frente com uma pessoa da qual um autor se ocupou em descrever. A importância daquele volume de narrativa apaixonante crescia, não só por mencionar minha amiga e descrever com minúcias o episódio da retirada, mas porque verifiquei a importância da obra ter sido publicada originalmente em francês, a língua com a qual Taunay primeiramente se familiarizou. Imaginei que por isso, essa epopeia da Guerra do Paraguai, a Retirada da Laguna, ficou conhecida além de nossas fronteiras em narrativa fiel, carregada de detalhes e com qualidade literária incomparável. Os fatos davam importância à obra e, assim, li-a inteirinha para Senhorinha em muitas de nossas tardes, traduzindo da melhor maneira algumas passagens, as quais, mesmo para uma pessoa como eu, acostumada à leitura, eram difíceis, já que o autor usa termos rebuscados e acho um tanto estranha a linguagem militar (MEDEIROS, 2007, p. 27).

A vinda de sua família e a parentela, tanto sua como de seu marido, contribuiu para povoar e desenvolver o sudoeste do estado, com o estabelecimento das fazendas, das plantações e da criação de gado. O autor preferiu não colocar algumas informações em seu livro sobre todo o sofrimento que Senhorinha teria passado na prisão, mas se sabe que ela virou meio que uma escrava do padre Justo Roman, que na verdade era um vassalo de Solano Lopez. Muitas mulheres brasileiras foram presas e, com certeza, sofreram muitos abusos, inclusive sexuais. Os brasileiros também faziam o mesmo. E usavam as mulheres paraguaias como escravas.

Medeiros pensava em uma personagem para poder compartilhar as histórias de Senhorinha, que era analfabeta e por isso relata as histórias para esta personagem; personagens reais no meio, como o Frei Mariano de Banaia, que realiza o casamento dela. Na verdade, ele foi um religioso ligado à lenda de Corumbá. Ele teria jogado as sandálias no rio e rogado uma maldição de que “Corumbá só iria se desenvolver quando achassem aquelas sandálias de novo”. E Corumbá passou por quase um século de atraso.

A maior parte das memórias de Taunay, publicadas por determinação expressa do autor apenas em meados do século XX, diz respeito à sua participação no conflito, e a obra é fundamental por vários aspectos, não apenas por ser um dos primeiros textos memorialísticos

da literatura brasileira, mas, sobretudo por retratar simultaneamente as infames condições técnicas da tropa brasileira durante o sangrento conflito e a natureza da região (assombrosa para ele, que se impressionou com a extensão dos rios, a diversidade de peixes, de espécies de formigas etc.), chegando a desenhar, nas horas de folga, as paisagens que mais o fascinaram.

Em *Senhorinha*, o autor procurou unir de maneira equilibrada fato e ficção instigando o leitor a buscar as verdadeiras fontes e também as outras versões sobre uma das passagens históricas mais representativas do Brasil do século XIX. De certa forma, esta constatação ilustra a afirmação de Alfred Döblin ao falar sobre o romance histórico. Segundo ele, até o “mais simples e inventado romance [...] necessita de fundo de realidade para que o aceitemos” (2006, p. 16). Para que se configure como um romance histórico, num primeiro momento, é necessária a presença de eventos históricos. No entanto, como afirmou Fredric Jameson, o romance histórico

não é apenas a representação de um período de transição histórica, mas também, e em larga medida, a encenação de uma revolução e uma contrarrevolução; em outras palavras, de um daqueles eventos históricos paradigmáticos, como a própria guerra, que sempre devem estar no centro de um romance histórico [...] para que ele se qualifique como tal (JAMESON, 2007, p. 188).

Tais personagens também são responsáveis por essa revolução e contrarrevolução mencionadas por Jameson. Lukács já havia tratado dessa faceta do romance histórico, afirmando que “é uma lei da figuração ficcional [...] que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial” (LUKÁCS, 2011, p. 60). Portanto, a presença do ingrediente corriqueiro, cotidiano e comum é o que dá a tônica de romance histórico para *Senhorinha Barbosa Lopes*.

Nossa análise do livro *Senhorinha* busca explorar a relação História e Literatura. O livro trata de um dos mais épicos episódios da Guerra do Paraguai: A retirada da Laguna, já narrado pelo Visconde de Taunay. A obra de Medeiros traz consigo fragmentos, um misto de romance, biografia e pesquisa histórica, que deu origem ao romance, e à medida em que o leitor vai entrando nesse universo histórico surge um enlace de ficção com realidade e romance.

Segundo Weinhardt, “[...] agora enfatiza-se o papel do escritor face ao passado, a necessidade de incorporá-lo sem reservas para exorcizá-lo no ato da escrita, dotando-se a literatura de uma função” (WEINHARDT, 2004, p. 25); desta maneira entende-se que o mais importante é que o escritor represente literalmente como os personagens que viveram aquele

acontecimento histórico foram afetadas e como reagiram a ele, através de um enlace entre a história e a ficção.

Ao contrário do que afirma Hutcheon sobre o romance histórico, de que o presente está sempre dialogando com o passado, mesmo sendo destruído, Jameson pontua que vivemos em um presente contínuo e que tal olhar sobre o passado seria só por uma evasão e afirma que ainda “[...] uma oposição entre o público ou histórico e um plano individual denotado pela categoria que denominamos personagens” (JAMESON, 2007, p. 186).

Um ponto importante que pode ser encontrado em Puga é quando afirma que, ao tentar definir o romance histórico somos levados obrigatoriamente para o campo da história e da ficção, pois estes dois conceitos sustentam parte da rede de significações do texto, ele se caracteriza pela conscientização da diferença temporal entre o processo presente da representação e a realidade pretérita representada que é atualizada pela poética da ficção (2006, p. 03).

Marilene Weinhardt em *Ficção, História e Regionalismo* relata algumas obras que tiveram como cenário a guerra, memórias entrelaçadas com o jogo da ficção, destacando que “[...] estas considerações do historiador sobre o relacionamento do ser humano com o passado abrem uma via de reflexão para se buscar a compreensão das razões que determinam os recortes do passado realizado pela ficção histórica” (WEINHARDT, 2004, p. 30). A autora pontua a seletividade das lembranças de cada indivíduo, abrindo caminho para as memórias do passado, resgatando assim todos os registros e fazendo um aproveitamento dos documentos, abrindo um viés entre as lembranças e a ficção.

Já para Esteves, esses tipos de narrativas

estão permeadas por uma minuciosa reconstituição histórica, tão cheia de detalhes que muitas vezes se aproximam da reconstituição arqueológica comum nos romances do final do século XIX. Por outro lado, elas mantêm um claro diálogo com uma enorme quantidade de textos históricos e literários, num tom altamente paródico e carnavalizado (ESTEVES, 2008, p. 56).

Constatamos que a reconstrução histórica, sem dúvida nenhuma, deixa claro em todos os romances de subgêneros em que o leitor se depara com fatos narrativos que acredita ter ocorrido naquele momento histórico. Nos romances o diálogo com a história se faz por meio da memória dos autores em profunda consonância com a própria memória coletiva, de forma que ambos lidam com uma concatenação de acontecimentos públicos no passado. A forma de lidar com o elemento temporal nos romances também se aproxima: ambos os fatos narrados estão situados num tempo pretérito com relação à vida de seus autores, no entanto, ao

atualizá-los na narrativa os autores escolhem uma abordagem sincrônica que vai construindo o relato linearmente, como se partisse de um passado e desembocasse nos dias atuais, no entanto não é um passado transposto como lembrança, mas como situação vivida.

2.2 A narradora/personagem fictícia

Em *Senhorinha* quem narra é Maria Tomé que, em contato com a família da protagonista Senhorinha, vai se inserindo na vida daquela família de alguma forma e conhecendo seus dramas e aflições. É por essa perspectiva que a história de Senhorinha e dos demais personagens vai ganhando conformidade e importância.

O narrador salienta que, no manuscrito, a freira, mulher culta e professora, falava pouco de si, mas o suficiente para mostrar que, além da prática cristã da visitação domiciliar, com a qual tinha a oportunidade de se solidarizar com as misérias, fazer amigos e levar algum conforto espiritual a quem necessitava, também escrevia, e exercitava gosto pela literatura:

Meu nome é Maria Tomé, e a história de minha vida resume-se em poucos detalhes: nasci na cidade de Braga, ao norte de Portugal, onde cresci e estudei as primeiras letras. Logo [...] matriculei-me no seminário [...] para seguir carreira religiosa e para a qual me sentia vocacionada, e onde, além de teologia, estudei humanidades e me formei nos idiomas inglês, francês e espanhol (MEDEIROS, 2007, p. 19).

A trama começa a partir da escolha desse narrador e da estratégia de não nomeá-lo, deixando no ar a ideia sugestiva de que o narrador sem identificação, hipoteticamente, seria o próprio autor do romance, no caso Samuel Xavier de Medeiros.

No manuscrito, a freira descreve Senhorinha como uma mulher dedicada e capaz de lutar por seus bens. Contou detalhes de sua vinda ao Mato Grosso, na qual sua família dividiu o espaço com famílias indígenas:

[...] contou-me que nasceu em 26 de novembro de 1815 em Minas e que era filha de Antonio Gonçalves Barbosa e sua mãe se chamava Vitoria Maria de Jesus. Eram nove os seus irmãos. Seu pai, embora mineiro de Sabará, onde ela viveu a infância, radicou-se desde cedo em Franca, São Paulo, e daí mudou-se para a região banhada pelo rio Paranaíba, já na Província de Mato Grosso, onde começou uma atividade de desbravador, juntamente com seus filhos, fundando diversas fazendas. Vitória Maria de Jesus foi a segunda esposa de seu pai, que com ela teve dez filhos, seis mulheres e quatro homens. Explicou como vieram para a fronteira: clãs mineiros e esposa de seu pai, que com ela teve dez filhos, seis mulheres e quatro homens. Explicou como vieram para a fronteira: clãs mineiros e paulistas começaram a chegar à região sudoeste da província de Mato Grosso. Uma dessas famílias era a de Antônio Francisco Lopes, seu futuro sogro, originário de Piunhi, Minas Gerais, que, já em 1820, transferira-se com a família para a cidade paulista de Franca e ali conhecera seu pai, Antônio Gonçalves Barbosa. Este Lopes era casado com D. Teotonia

Joaquina de Souza e com ela teve nove filhos, seis homens e três mulheres. Um deles, Joaquim Francisco Lopes, chamado *O sertanejo*, foi um dos primeiros que apareceu empreendendo viagens e abrindo picadas pelos sertões do sul, juntamente com seu irmão José Francisco Lopes, futuro segundo marido de Senhorinha, dirigindo-se especialmente para a região da Vacaria, mais tarde criando a fazenda Jardim (MEDEIROS, 2007, p. 33-35).

Não faltaram detalhes no manuscrito da freira, detalhes que iam desde a forma como salgavam a carne para conservá-la e até como guerreavam, agarrados ao lado do cavalo para que não fossem vistos pelos inimigos. Relata, ainda, sobre o casamento de Senhorinha Barbosa com seu primeiro marido, Gabriel Lopes, em 1836, em Sant’Anna do Parnaíba, quando tinha a idade de apenas vinte e um anos, logo após seus pais, Barbosa e Lopes, já sabendo da simpatia recíproca entre os dois jovens e, como era de costume naquela época, terem selado um acordo de união entre as duas famílias. Senhorinha, no entanto, “tinha a certeza que ele não seria simplesmente um marido de encomenda, como aconteciam com tantos outros casais, mas um companheiro com quem podia conversar, que a ouvia e que valorizava suas propostas [...]” (MEDEIROS, 2007, p. 39).

Através dos relatos de Senhorinha Barbosa à freira Maria Tomé, sabe-se da importância dos mascates, comerciantes que levavam produtos industrializados nos lombos de seus cavalos, e outros que, quando podiam, transportavam seus produtos em barcos. Muitos desses eram estrangeiros, denominados “caixeiros-viajantes”, e exerciam sua profissão em viagens e além de oferecerem variedades de artigos, incluindo jornais já de dias, eram eles que davam a noção do que acontecia pelas regiões de Cuiabá ou do Rio de Janeiro, Capital do Império. Muitos desses comerciantes também foram saqueados durante a guerra, e alguns ainda foram levados presos para o Paraguai:

Esses mascates exerciam uma atividade marginal em que os lucros abusivos sangravam os bolsos, mas com a vantagem de que movimentavam o comércio [...] Durante a Guerra do Paraguai, aventureiros que acompanhavam as tropas para vender seus produtos, tiravam proveito da situação e enchiam as burras. Aliás, era comum nas tropas brasileiras a companhia desses comerciantes com suas mulheres, amantes ou esposas, que, para não ficarem sozinhas sem meios de sobrevivência, viajavam com eles se sacrificando ao extremo, muitas com filhos pequenos a tiracolo. Os mascates, posteriormente, tornaram-se personagens constantes nos embates da guerra [...] (MEDEIROS, 2007, p. 52-53).

Hutcheon em sua linha de pensamento afirma que a personagem ex-cêntrica sai do anonimato, adquirindo importância na obra “quando o centro começa a dar lugar as margens, quando a universalidade totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções como por exemplo, as de gênero- começam a ficar visíveis” (HUTCHEON, 1991, p. 86).

Podemos compreender a partir dessa afirmação de Hutcheon que através dos mais variados discursos, é possível identificar e realizar uma investigação para compreender o passado, e de qual maneira são criadas as relações entre a ficção e a personagem ex-cêntrica.

Notamos algo interessante na teoria de romance histórico de Lukács e na metaficção historiográfica de Hutcheon, presença de personagens fictícias, vivendo os acontecimentos históricos. Para Lukács esse fenômeno é essencial juntamente com a narração e o distanciamento temporal. Conforme aponta Hutcheon:

Os discursos pós-modernos inserem e depois contestam nossas tradicionais garantias de conhecimento, por meio da revelação de suas lacunas ou sinuosidades. Eles não sugerem nenhum acesso privilegiado à realidade. O real existe (e existiu), mas nossa compreensão a seu respeito é sempre condicionada pelos discursos, por nossas diferentes maneiras de falar sobre ele (HUTCHEON, 1991, p. 202).

Na reconstrução de episódios históricos, os autores se arqueiam sobre documentos históricos, sendo essencial na narrativa a composição das personagens, que vão sendo geradas nas lacunas.

Nas narrativas históricas, o autor realiza uma leitura alternativa desse passado, reconstruindo-o em meio a muitas possibilidades que poderiam ser apresentadas como verídicas. Esteves afirma que a literatura tem “a clara função de desmistificar a história para tentar descobrir uma versão mais justa” (1998, p. 126), pois a história foi escrita sobre grandes heróis e vencedores, fazendo-se necessário dar voz aos esquecidos, oprimidos, excluídos, vencidos. Tendem a reconstruir verdades históricas, de modo a recuperar tradições culturais e épocas por meio do imaginário. Sendo assim, por mais documentos que o historiador ou ficcionista disponha, faz-se necessária a utilização da imaginação para estabelecer relações entre eles na criação dos fatos.

Com base na admiração que a freira nutria por Senhorinha, podemos observar essa relação de laços de amizade que foram formados entre ambas. Era com a freira que dona Raphaela conversava e a quem contava as lembranças relacionadas à guerra, à história de sua vida, sua trajetória percorrida e repleta de momentos que envolviam alegrias e tristezas:

O que a surpreendia em suas narrativas é que estas apresentavam dados novos a cada dia, como uma novela, e reuniam episódios ligados com a história local, especialmente durante a guerra que envolveu três países. Além disso, as histórias [...] vinham acompanhadas de reflexões sobre o que acontecera, enriquecendo a narrativa - numa habilidade que outras pessoas não possuíam. [...] Estava à frente de uma personagem que esteve no centro de complexos e marcantes acontecimentos no contexto histórico brasileiro recente, e suas memórias tinham o condão de reunir dados para sensibilizar qualquer pessoa, com o mínimo de cultura e discernimento, a tomar atitude e não permitir que se perdessem no tempo (MEDEIROS, 2007, p. 21).

A memória do acontecimento narrado se deu após a guerra e retrata um período de quase dez anos vividos em meio à Guerra do Paraguai. Tendo o privilégio de ouvir cada detalhe do que viveu Senhorinha Barbosa Lopes, Maria Tomé relata pormenores, desde o tipo físico de Senhorinha até as características de sua moradia, tanto no Brasil quanto no Paraguai, quando, por duas vezes, foi raptada pelos soldados paraguaios e levada à força de suas terras para um território que lhe era totalmente estranho:

Ela se destaca na história não só pelo fato de estar citada no livro de Taunay, mas como participante da colonização, numa época de conflito de posses de terras e controvertidas demarcações de fronteiras nesta parte do País. A vinda de sua família e a parentela, tanto a sua como a de seu marido, contribui para povoar e desenvolver o sudoeste do Estado, com o estabelecimento das fazendas, das plantações e da criação de gados. [...] essa mulher foi mais uma vítima da involuntária participação em uma guerra cujas razões desconhecia, mas que não lhes eram alheias. O que vai narrado abaixo é o que me contou do roteiro de suas andanças, desde sua chegada à nossa região, onde se estabeleceu com a família, e, depois como prisioneira por duas vezes pelos paraguaios, sua libertação, sua ruptura e o retorno final à pátria anos depois (MEDEIROS, 2007, p. 30-31).

Por meio desta análise, concluímos que Samuel Xavier Medeiros cria, mesmo que por meio de uma obra de ficção, uma obra fundamentalmente histórica, baseada em uma incansável pesquisa, numa linguagem totalmente acessível e rica em detalhes na qual o leitor entra em uma viagem histórica pelos caminhos da guerra no século XIX.

Medeiros tem um jeito próprio de escrever suas obras, resgatando histórias que não são muito conhecidas, mas que fazem parte da construção de Mato Grosso do Sul, pois a história, por mais distante que esteja, tem como objetivo nos provocar reflexões sobre o mundo atual, e é exatamente isso que Samuel Xavier Medeiros faz em seus escritos; ele resgata as informações, despertando em nós a curiosidade de sabermos um pouco mais sobre nosso estado.

A figura da mulher em sua obra torna-se um ponto forte quando se consolida em uma realidade delimitada sócio-histórica e culturalmente, em que aos poucos as mulheres foram mencionadas pelos memorialistas. Por muito tempo as mulheres estiveram relegadas ao esquecimento, sendo vistas e registradas pela historiografia como submissas e dóceis, algo que não corresponde com a real contribuição que as mulheres deram para a história. Por isso, é interessante trazer à tona essas mulheres que participaram da guerra e contribuíram para a formação do estado. A presença feminina neste conflito ocorreu de forma passiva, ao enviarem seus entes queridos à guerra, mas também foi de forma ativa, pois como foi

registrado por diversos memorialistas, as mulheres estiveram presentes nos campos de batalha, acompanhando os regimentos e ajudando no que fosse necessário.

E a forma como foram registradas não faz jus à sua valiosa participação. Por isso é que se faz tão importante o papel dos historiadores das mulheres, pois estes devem mostrar a participação feminina dando-lhes vida, nomes, e rostos, algo que por muito tempo lhes foi negado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho monográfico procuramos apontar as possíveis relações entre o romance histórico e a literatura na obra *Senhorinha Barbosa Lopes*, evidenciando quais tipos de leituras o leitor poderá encontrar no romance de Samuel Xavier Medeiros, que se insere no rol das obras que possuem uma mescla de narrativas ficcionais e factuais. Destacamos também o fato de como Medeiros consolida em si ideias, valores, opções, crenças, linguagens, visões de mundo que pertencem à sua sociedade e, ao seu tempo, trabalhando a construção de seus textos e emprestando significações para suas obras.

Também trouxemos a discussão o fato de Medeiros, ao recriar sua obra como um romance histórico, insere características que organizam suas ideias através da investigações de fatos históricos, tomando o cuidado para que a obra não perca seu sentido.

A partir de algumas observações concluiu se que o historiador reconstitui todo o passado através de fontes historiográficas, porém não perdendo as origens da história real. Foi discutida também a questão da personagem Senhorinha, de como esse tipo de personagem ganha espaço na obra e acaba se tornando a personagem principal na qual desenvolve toda a história através de seus relatos.

A figura da mulher também foi destaque nesse trabalho, pois nota-se que ganhou espaço na obra através de suas atitudes e personalidade, o que vale ressaltar que em algumas obras a figura da mulher tem um espaço menor, o que não é o caso da obra de Samuel Xavier Medeiros.

REFERÊNCIAS

DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, Editora UFPR, 2006, p. 13-36.

ESTEVES, Antônio. O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez. 2007, p. 114-136.

_____. Considerações sobre o romance histórico (no Brasil, no limiar do século XXI). *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 4, n. 4, 2008, p. 53-66.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 77, mar., 2006, p. 185-203.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUKÁCS, Gyorgy. *O Romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEDEIROS, Samuel Xavier. *Senhorinha Barbosa Lopes*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato grosso do Sul, 2007.

PUGA, Rogério Miguel. *O essencial sobre o romance histórico*. Lisboa/Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

SANTOS, Pedro Brum. *Teorias do romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção, História e Regionalismo: (estudo sobre romances do Sul)*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.